



**7º
ano**

ENSINO FUNDAMENTAL



PROFESSOR (A):

**FERNANDO
SANTOS**



DISCIPLINA:

PORTUGUÊS



CONTEÚDO:

**TEXTO/ DETERMINANTES
DO SUBSTANTIVO**



DATA:

09.07.2020



Questão 01

O fato que deu origem a essa história foi:

- A) a curiosidade da mãe sobre o lugar onde estão os biscoitos.
- B) a vontade da menina de comer biscoitos que estão em lugar alto.
- C) o desejo da mãe de que a menina cresça rápido.
- D) o lugar impróprio onde ficam os armários da casa.

DESCRITOR: - D10 – Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.

B

Covardia

Passeavam dois amigos numa floresta, quando apareceu um urso feroz e se lançou sobre eles.

Um deles trepou numa árvore e escondeu-se, enquanto o outro ficava no caminho. Deixando-se cair ao solo, fingiu-se morto.

O urso aproximou-se e cheirou o homem, mas como este retinha a respiração, julgou-o morto e afastou-se.

Quando a fera estava longe, o outro desceu da árvore e perguntou, a gracejar, ao companheiro:

— Que te disse o urso ao ouvido?

— Disse-me que aquele que abandona o seu amigo no perigo é um covarde.

TAHAN, Malba. Lendas do céu e da terra. 23 ed.

Rio de Janeiro: Record, 1998.

2. O amigo que estava na árvore desceu porque:

A) achou melhor também fingir-se de morto.

B) observou do alto um lugar melhor para esconder-se.

C) queria ajudar o amigo a livrar-se do urso.

D) viu que o urso já estava distante.

DESCRITOR: - D11 – Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.

D

O diabo e a política

Sempre que leio os jornais, lembro uma historinha que nem sei mais quem me contou. Naquela aldeia, todos roubavam de todos, matava-se, fornicava-se, jurava-se em falso, todos caluniavam todos. Horrorizado com os baixos costumes, o frade da aldeia resolveu dar o fora, pegou as sandálias, o bordão e se mandou.

Pouco adiante, já fora dos muros da aldeia, encontrou o Diabo encostado numa árvore, chapéu de palha cobrindo seus chifres. Tomava água de coco por um canudinho, na mais completa sombra e água fresca desde que se revoltara contra o Senhor, no início dos tempos.

O frade ficou admirado e interpelou o Diabo:

— O que está fazendo aí nesta boa vida? Eu sempre pensei que você estaria lá na aldeia, infernizando a vida dos outros. Tudo de ruim que anda por lá era obra sua — assim eu pensava até agora. Vejo que estava enganado. Você não quer nada com o trabalho. Além de Diabo, você é um vagabundo!

Sem pressa, acabando de tomar o seu coco pelo canudinho, o Diabo olhou para o frade com pena:

— Para quê? Trabalho desde o início dos tempos para desgraçar os homens e confesso que ando cansado. Mas não tinha outro jeito. Obrigação é obrigação, sempre procurei dar conta do recado. Mas agora, lá na aldeia, o pessoal resolveu se politizar. É partido pra lá, partido pra cá, todos têm razão, denúncias, inquéritos, invocam a ética, a transparência, é um pega-pra-capar generalizado, eu estava sobrando, não precisavam mais de mim para serem o que são, viverem no inferno em que vivem.

Jogou o coco fora e botou um charuto na boca. Não precisou de fósforo, bastou dar uma baforada e de suas entranhas saiu o fogo que acendeu o charuto:

— Tem sido assim em todas as aldeias. Quando entra a política eu dou o fora, não precisam mais de mim.

CONY, Carlos Heitor, Folha online. 29 de nov. 2005

A política desgraça os homens mais que o diabo.

3. O argumento que defende essa ideia é:

A) “Você não quer nada com o trabalho. Além de Diabo, você é um vagabundo!”

B) “Trabalho desde o início dos tempos para desgraçar os homens e confesso que ando cansado.”

C) “Obrigação é obrigação, sempre procurei dar conta do recado.”

D) “Quando entra a política eu dou o fora, não precisam mais de mim.”

DESCRITOR: - D8– Estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la.

Corda Bamba

As duas vinham andando pela calçada – a Mulher Barbuda e Maria. De mão dada. A Mulher Barbuda usava saia, barba e uma sacola estourando de cheia; Maria, de calça de brim, um embrulho debaixo do braço, ia levando a tiracolo um arco enfeitado com flor de papel, quase do tamanho dela (não era muita vantagem: ela já tinha dez anos, mas era do tipo miúdo). Pararam na frente de um edifício. Barbuda falou:

— É aqui, tá vendo? 225. – Olhou pra trás: – Foguinho! Ei!

Foguinho estava parado na esquina tirando um coelho da meia: andava treinando pra ser mágico. Há anos que ele comia fogo no circo, mas agora tinha dado pra ficar de estômago embrulhado cada vez que engolia uma chama; tinha dias, que só de olhar pra tochas que Barbuda trazia, o estômago já se revoltava todo.

— Olha só, fiz a mágica da meia! – gritou. Agarrou o coelho pela orelha e correu pra porta do edifício.

Barbuda achava uma graça danada naquela história de Foguinho treinar mágica em tudo que é canto; deu um beijo nele:

— Você ainda vai ser o maior mágico que já se viu por aí. Não é, Maria?

Mas Maria continuou quieta; só apertou com mais força a mão de Barbuda.

4. Qual era a opinião de Barbuda?

- A) Achava que Foguinho seria um grande mágico.
- B) Achava que Foguinho era um bom engolidor de fogo.
- C) Pensava que Maria era muito miúda.
- D) Pensava que Maria era muito quieta.

DESCRITOR: D14 – Distinguir um fato da opinião relativa a este fato.

A

Brincadeira retrô

Me lembro bem de quando era pequena e do quanto minha imaginação era fértil. Eu fui daquelas crianças que davam arrepios nos pais por conta das brincadeiras mirabolantes: a cama de casal que virava navio pirata, o sofá da sala que virava palco de teatro com direito a cortina de lençol e tudo mais... Toda vez que começava a me animar minha avó dizia: “Lá vem essa menina inventando moda”. Hoje vejo que esse era o jeito de brincar das crianças de antigamente. Não havia toda essa parafernália eletrônica, que toca música, anda, fala e não deixa nenhum espaço para a imaginação. Precisávamos inventar as nossas brincadeiras. Criança moderna não sabe brincar sozinha, tem sempre a babá, o computador, o DVD... Hoje tento incentivar meu filho a brincar assim também. Não é que eu vá jogar todos os brinquedos dele fora, mas com certeza ele vai aprender a se divertir com muito menos. Dá mais trabalho, faz mais bagunça, mas é infinitamente mais divertido.

5. A autora desse texto defende que:

- A) as brincadeiras das crianças de antigamente eram divertidas.
- B) as brincadeiras de antigamente eram mais criativas que as atuais.
- C) as maneiras de as crianças de hoje brincarem devem ser aceitas.
- D) as crianças devem brincar com parafernálias eletrônicas.

DESCRITOR: D7– Identificar a tese de um texto.

B

No “Sossego”

Não era feio o lugar, mas não era belo. Tinha, entretanto, o aspecto tranquilo e satisfeito de quem se julga bem com a sua sorte.

A casa erguia sobre um solvaco, uma espécie de degrau, formando a subida para a maior altura de uma pequena colina que lhe corria nos fundos. Em frente, por entre os bambus da cerca, olhava uma planície a morrer nas montanhas que se viam ao longe; um regato de águas paradas e sujas cortava-a paralelamente à testada da casa; mais adiante, o trem passava vincando a planície com a fita clara de linha capinada; um carreiro, com casas, de um e de outro lado, saía da esquerda e ia ter à estação, atravessando o regato e serpenteando pelo plaino.

A habitação de Quaresma tinha assim um amplo horizonte, olhando para o levante, a “Noruega”, e era também risonha e graciosa nos seus muros caiados. Edificada com desoladora indigência arquitetônica das nossas casas de campo, possuía, porém, vastas salas, amplos quartos, todos com janelas, e uma varanda com colunata heterodoxa. Além desta principal, o sítio do “Sossego”, como se chamava, tinha outras construções: a velha casa de farinha, que ainda tinha o forno intacto e a roda desmontada, e uma estrebaria coberta de sapê.

6. No trecho “Em frente, por entre os bambus da cerca, olhava uma planície...”, a expressão destacada indica uma circunstância de:

- A) causa.
- B) lugar.
- C) modo.
- D) tempo.

DESCRITOR: D15 – Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc.

B